



**O CUPE**

**CAMPO & CIDADE**



**NAO**

**QUERO**

**MAIS A**

**FOME**

**NO MEU PAÍS!!**



SABIÁ  ANOS

## Expediente

**DIRETORIA** – Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva.  
 Vice-presidenta: Sonia Lucia Lucena Sousa de Andrade.  
 Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal:  
 Alaíde Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e  
 Tone Cristiano Feliciano da Silva.

**COORDENAÇÃO COLEGIADA** – Coordenação Geral: Alexandre  
 Henrique Bezerra Pires. Coordenador Técnico Pedagógico:  
 Carlos Magno de Medeiros Moraes. Coordenadora  
 Administrativo Financeira: Vânia Luiza Silva.

**EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS:** Eliane Nery, Germana  
 Vila, Gideão Patrício, João Carlos, Juliana Peixoto,  
 Júlio Valério, Maria Edineide, Nicléia Nogueira,  
 Orlando Santana, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida  
 e Rosana Paula.

**EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA:** Demetrius Falcão,  
 Elivania Leal, Iran Severino, Jullyana Lucena, Natália  
 Porfírio e Pedro Eugênio.

**NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO:** Darliton Silva

**NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS:** Maria Cristina e  
 Aureliano de Melo

**ASSESSORIAS:** Aniérica Almeida (Agricultura Urbana),  
 Davi Fantuzzi (Construção Social de Mercados) e Janaina  
 Ferraz (Juventudes).

## Ficha Técnica

### Organização e Edição

Catarina de Angola (DRT/PE 44777)

### Acompanhamento editorial

Alexandre Henrique Pires

### Projeto Gráfico e Diagramação

Alberto Saulo

### Imagens

PH Reinaux

**Recife/PE, Setembro de 2019.**

**Soberania Alimentar e Democracia:  
A contribuição histórica  
da agroecologia** 06

“A gente já provou que  
sabe o caminho” 07

*Joelma Pereira*

“A fome é uma expressão  
da não democracia” 10

*Cristina Nascimento*

“A fome é uma expressão  
de falta de democracia  
absoluta em qualquer  
lugar do mundo” 17

*Paulo Petersen*

“O golpe nos coloca  
diante da fortíssima  
ameaça da volta do país  
ao Mapa da Fome e à  
subnutrição” 27

*Maria Emília Pacheco*

**Produção de Alimentos e a História da Fome no Brasil** 36

“Nós da sociedade civil organizada precisamos, mais do que nunca, nos unir para buscar os nossos direitos”  
*Sandra Rejane* 37

“Uma estrada é resistir, continuando a fazer o que a gente está fazendo”  
*Naidison Baptista* 42

“Há mudanças importantes que estão acontecendo e vão transformar o século XXI”  
*Tânia Bacelar* 48

“Não perdemos nem vamos perder a capacidade de lutar, de insistir e resistir”  
*Avanildo Duque* 60

# APRESENTAÇÃO

Temos o prazer de apresentar a publicação **Ocupe Campo & Cidade: Não quero mais a Fome no Meu País**. Ela é resultado de duas grandes rodas de conversas que realizamos em praça pública em julho de 2018, durante a celebração dos 25 anos do Centro Sabiá. Sentimos a necessidade de partilhar o resultado desses debates tão atentos a nossa conjuntura, naquele momento.

É também registro do que significou para nós celebrar nosso aniversário em praça pública, promovendo um diálogo entre campo-cidade, com a partilha dos frutos da agricultura familiar agroecológica com a população da cidade do Recife. Agricultores e agricultoras familiares de todo o estado de Pernambuco estiveram conosco em uma grande feira que tomou conta do Pátio de São Pedro, no centro da cidade.

Também foi um dia de muita música, no qual a artista Lia de Itamaracá nos envolveu com sua força e se utilizando da arte denunciou conosco: “A minha fome não é minha só, ela é de todos nós...”. Nesse que também era o Dia da Agricultura Familiar e da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha. Também foi um dia de estarmos juntos todos e todas que fazem o Centro Sabiá.

Toda nossa equipe, sócios e sócias, parceiros, convidados, artistas e representantes de articulações, redes e organizações para anunciar à cidade do Recife o que significam 25 anos de atuação em prol da agricultura familiar e da promoção da agroecologia.

E nesse mesmo espaço, dialogamos sobre a conjuntura política que o Brasil vivia naquele 25 de julho de 2018, período anterior às eleições presidenciais realizadas no mesmo ano, em um momento pós golpe, de crescimento do conservadorismo, de desmonte das políticas sociais e dos direitos da classe trabalhadora e de iminência da volta do país ao Mapa da Fome da FAO/ONU.

Mas também resgatamos nossa história, e trabalhar a denúncia da volta da fome, em diálogo com a sociedade, foi resgatar um dos nossos propósitos de fundação, em 1993, onde já manifestávamos a necessidade de por fim à situação de fome e miséria, em especial no campo, a partir da promoção da agroecologia.

Levamos então esse debate para a praça pública e promovemos os painéis: **Soberania Alimentar e Democracia: a contribuição histórica da agroecologia**, mediado por Marcos Figueiredo, com as contribuições de *Joelma Pereira*, *Cristina Nascimento*, *Paulo Petersen* e *Maria Emília Pacheco*, e **Produção de Alimentos e a História da Fome no Brasil**, mediado por Joana Santos, com as contribuições de Sandra Rejane, Naidison Baptista, Tânia Bacelar e Avanildo Duque. Nesta publicação, os textos são transcrições das falas na íntegra.

São ricos diálogos sobre nossa história e contribuição, sobre o momento que vivemos e que apontam caminhos para continuação de nosso trabalho e luta. Mas construímos a história de forma coletiva e é por isso que partilhamos essas reflexões com você.

Boa leitura!



**SOBERANIA  
ALIMENTAR E  
DEMOCRACIA:  
A CONTRIBUIÇÃO  
HISTÓRICA DA  
AGROECOLOGIA**





**“A GENTE  
JÁ PROVOU  
QUE SABE  
O CAMINHO”**

*Joelma Pereira\**



**\*Joelma Pereira** é sócia do Centro Sabiá, agricultora familiar agroecológica, em Cumaru/PE, e membro da Agroflor

Os últimos anos não têm sido tão fáceis, principalmente para agricultores e agricultoras que estão na zona rural, que estão nas suas áreas produzindo com suas famílias, e buscando permanecer no campo com qualidade, autonomia e liberdade. Sabemos que, assim como o Centro Sabiá, há várias organizações e movimentos que têm se juntado e lutado justamente por isso.

Mas vivemos hoje uma situação que parece até que todos nós juntos ainda somos poucos para dar conta de tanta injustiça que a gente vê. É uma conjuntura muito difícil. E essa situação que a gente vive nos afeta diretamente na busca por segurança alimentar, na busca pela soberania das famílias, pela permanência no campo ou nos lugares onde você tem como seu lugar.

É isso que o Sabiá não só celebra, pelo fato de ter 25 anos de luta, mas também suas conquistas e pensando nos próximos passos que a gente tem que dar. Acho que nós, enquanto movimento, precisamos nos unir ainda mais na busca da garantia dos direitos que já existem e na busca de outros direitos. Precisamos estar ainda mais afinados daqui para frente.

O Sabiá tem 25 anos e é jovem ainda, tem pessoas nesse movimento há muito mais tempo, e pessoas se iniciando nesse movimento agora, se juntando conosco. É justamente isso que temos que fazer, oportunizar quem já está na caminhada, e dar esse

apoio para continuar na luta, mas também lembrar que somos passageiros.

Precisamos, também, dar oportunidade para que outras pessoas permaneçam nesse trabalho, na luta, não podemos deixar ele parar. É isso que eu penso: falar sobre esse tema da soberania e segurança alimentar nos remete a muitos valores e questões que vão além de produzir, de se alimentar bem, de ter qualidade, de ter todos os dias a comida na mesa. Mas também de ter outros direitos e outras questões que nos proporcionam isso, porque se não, ficará somente o tema pelo tema da segurança e soberania alimentar.

Estamos aqui justamente para isso, para partilhar um pouco do sentimento nesse dia, e dizer que a gente tem essas preocupações que eu acho que é visível para quem quer de fato continuar com esse trabalho nesses tempos que a gente tem vivido, que não são muito fáceis, mas que a gente já provou que sabe o caminho.

A gente já vem dessa caminhada com muitos passos dados e firmados. Então, precisamos garantir que esses passos que já demos tenham continuidade. E cabe a nós dar continuidade e ir procurando esses caminhos para a gente ter 25 anos a mais, não só do Centro Sabiá, mas dos movimentos todos que estão ligados nesse processo e nessa construção coletiva. Porque essa busca é de todos nós que estamos aqui e de tantos outros que não puderam estar, mas que lutam pelo mesmo objetivo.



**“A FOME É UMA  
EXPRESSION DA NÃO  
DEMOCRACIA”**

*Cristina Nascimento\**

*\*Cristina Nascimento é coordenadora do CETRA e membro da Rede ATER Nordeste de Agroecologia.*

O Centro Sabiá tem sido uma referência muito importante para nós do Nordeste, para nós do Semiárido e para agricultoras e agricultores como Joelma Pereira. Temos uma feira que acontece em Itapipoca, no Ceará, que tem como grande referência a feira aqui do Espaço Agroecológico, assessorado pelo Sabiá.

Então, é por essa sintonia e interação que a gente vem para cá, com a certeza de que o Centro Sabiá não é só de Pernambuco. Sua ação é comemorada em todo o Semiárido, porque é nessa conexão que a gente tem feito a agroecologia e evidenciado as experiências dos agricultores e agricultoras. Quero fazer essa referência porque para nós é importante celebrar e festejar, para reafirmar esse caminho que temos construído no Semiárido brasileiro. E o Centro Sabiá tem sido essa marca para nós.

Uma coincidência histórica é que o Centro Sabiá faz seu aniversário, traz o tema da fome, e nós estamos aqui nos preparando para sair na Caravana Semiárido Contra a Fome [realizada em julho 2018]. Então, esse aniversário já é histórico, porque aqui iniciamos nossa Caravana e publicizamos nosso debate.

Infelizmente, essa não era a pauta que a gente queria, nós não queríamos debater mais a fome. Pelo contrário, a gente queria celebrar como no aniversário do ano passado e os anteriores, quando a celebrávamos a fartura, a alegria, a cister-

na, as águas. Mas hoje, para celebrar e comemorar, temos que pautar a volta da fome, e isso não é algo de alegria para nós, é de tristeza.

Mas como Joelma disse, não estamos mais falando de um ponto que não sabíamos como fazer. Estamos falando a partir de um lugar que já podemos dizer que é possível superar a fome no país, e são essas experiências que estão nessas barracas [na feira durante o evento], são esses agricultores e agricultoras que aqui estão e outros e outras que não estão aqui, mas estão lá nos seus roçados, sítios e casas.

Esses homens e mulheres que, a partir de tecnologias sociais como as cisternas, os barreiros, as barragens subterrâneas, nos levam hoje mais concretamente à afirmativa “não quero mais a fome no meu país”. Hoje podemos dizer que não queremos mais a fome e nós sabemos que é possível não ter mais fome no país.

Eu queria trazer essa fala para cá para a gente entender a importância que é esse momento, esse diálogo com a cidade. Ele não é só para a gente trocar ideias, é para a gente afirmar a aliança estratégica da classe trabalhadora. Precisamos entender que a fome, o desemprego, a miséria, tudo está voltando para o nosso país e tem território, que é o Semiárido, onde será um impacto maior.

Mas também tem classe, que é a classe trabalhadora. Essa classe trabalhadora está na cidade e no campo. Precisamos nos enxergar nessa identidade de classe, porque só com ela a gente vai conseguir

construir nossa unidade de luta e de resistência. Esse é o papel importante das redes de agricultoras e agricultores e do Centro Sabiá que anima esse processo, e essa é nossa pauta enquanto agroecologia.

A agroecologia para nós nunca foi só uma perspectiva de idealização, de sonho de algo bonito. Além de ser bonita e gostosa de fazer, ela é a opção de resistência e construção de uma sociedade mais justa, sem fome, onde homens e mulheres constroem suas autonomias. É essa questão que precisamos refletir com a cidade, qual nosso papel enquanto sujeito social? Qual o impacto de eu sair da minha casa e ir para o Espaço Agroecológico comprar os alimentos que esses agricultores trazem?

Quem mora na cidade precisa aprender que isso é muito importante, que é um ato individual que tem um impacto coletivo muito importante. Porque quando eu afirmo isso individualmente, estou reafirmando um projeto de sociedade. É esse chamado que a gente precisa fazer, que as organizações e articulações do campo e do Semiárido brasileiro têm feito. Precisamos avançar nessa questão e também no debate político.

Este ano é muito importante, de definições políticas [as eleições aconteceram em outubro de 2018], de debate, e nós precisamos fazer isso. E eu queria trazer a experiência da ASA Bahia [Articulação Semiárido], que está fazendo o debate nas comunidades, nos territórios, de qual a importância deste momento eleitoral. Não podemos deixar de questionar: como é que a classe trabalhadora vota em empresário? Precisamos fazer esse

questionamento, porque nesse momento precisamos fortalecer esse campo e a agricultura familiar, e esse fortalecimento também se dá a partir do processo eleitoral.

Não dá para estar na feira, comprar produto agroecológico e reafirmar na eleição o cara do agronegócio. Porque quando eles chegam lá, nós sabemos o que acontece: fim de recursos para o Programa de Aquisição de Alimentos [PAA], para o Programa Nacional de Alimentação Escolar [PNAE], que está cada vez mais capenga nos municípios, o Programa de Cisternas sem recursos para que continuemos o processo pelo Governo Federal, toda uma perspectiva para desfazer o que, com muita luta, construímos neste país.

Então, essa é uma chamada, nós como sujeitos políticos não podemos nos omitir neste debate político, porque a fome é uma expressão hoje da não democracia. O que tem a ver o golpe que se instalou no nosso país, o governo golpista do Temer, com o momento em que a gente está vivendo?

Só tem a ver, porque é nesse governo não democrático, golpista, em que as políticas públicas construídas a partir da luta dos movimentos populares, da CONTAG [Confederação Nacional da Agricultura], da Via Campesina, do MST [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra], da ASA [Articulação Semiárido Brasileiro], elas foram ignoradas por uma questão de concepção política: os pobres e a pobreza não interessam, não interessa que estejam no orçamento da União. Não interessa ter programa de cisternas, ações de convivência articuladas com a sociedade civil.

Interessa um senador que vai chegar lá no Ceará e dizer que conseguiu uma Emenda Parlamentar de R\$ 68 milhões para o Programa de Cisternas. Isso interessa para eles. Para nós, o que interessa, é a efetivação de uma política dentro do orçamento, com uma perspectiva de estrutura e política nacional. Para eles, o que interessa é o uso do recurso público para reafirmar os currais eleitorais, isso que se perpetua e não deixou de aparecer na cultura do Nordeste e do Semiárido.

Então, não interessa para eles comprar para a merenda escolar a produção dos agricultores, porque eles têm empresas que vendem. Não interessa para eles a gente estar vendendo para o Programa de Aquisição de Alimentos [PAA], porque eles têm as grandes empresas que comercializam seus produtos, e interessa fortalecer seu grupo econômico.

A gente não é interesse desse governo que aí está. E o golpe veio com muita clareza para cima da classe trabalhadora, e não está longe de a gente ver. Nós que moramos nas cidades temos visto a ampliação de pessoas, famílias, morando nas ruas. E isso me corta o coração, se tem algo que me deixa muito triste é saber que alguém está na rua e não pode dizer que vai voltar para casa, ainda que seja o barraco, a lona preta, um lugar onde ficar. E isso é reflexo do golpe, do momento da não democracia no país. Porque além de tudo, os espaços de diálogos estão sendo negados.

Este é o momento muito mais da gente se questionar, refletindo, para a gente voltar para casa e sair anunciando esse debate, o que está acontecendo. Infelizmente, precisamos que vocês saiam



também com a clareza de que a fome está voltando no país, isso não só como bandeira, mas porque precisamos refletir o retrocesso que vivemos. E não só aqueles que a gente acha que já estava... “Ah, mas disseram que saiu do mapa da fome e num instante voltou!”. Demos um passo, ainda não muito largo, mas importante. Chico Science dizia “um passo a frente e você não está mais no mesmo lugar”, eu acompanho.

Então, esse passo foi importante, é por não estarmos mais naquele lugar de outrora, da fome, da miséria, por ter dado esse passo da produção de alimentos, do acesso à água, da segurança alimentar, do fortalecimento da agricultura familiar e dos agricultores, é porque demos esse passo à frente que reafirmamos que não queremos dar um passo atrás. E só não daremos um passo mais atrás ainda se a gente resistir e fortalecer nessa defesa da agroecologia, da segurança alimentar, mas essencialmente da democracia.

Quero também aproveitar este momento para parabenizar cada agricultor, cada agricultora, o Centro Sabiá e todos aqueles e aquelas que consomem e fortalecem a agroecologia. Que cada um e cada uma de vocês se sintam parte da resistência que a gente constrói no país. Muito obrigada, a gente segue, e Lula livre!



**“A FOME É UMA  
EXPRESSÃO DE FALTA  
DE DEMOCRACIA  
ABSOLUTA EM  
QUALQUER LUGAR DO  
MUNDO”**

*Paulo Petersen\**

*\*Paulo Petersen é Agrônomo, Diretor Executivo da AS-PTA e diretor da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA).*

Companheiros e companheiras, a primeira palavra para definir isso é emoção! Estar aqui em um momento como esse nos deixa com um coração muito aquecido, diante do que vivemos no nosso país. A gente vinha comentando agora há pouco que isso aqui parece uma extensão do Encontro Nacional de Agroecologia, que acabamos de organizar em Belo Horizonte/MG [realizado em maio de maio de 2018], e de certa forma é mesmo.

A gente sempre diz que o nosso encontro tinha começado antes e está seguindo, com novos formatos. E estamos aqui para celebrar, inclusive para fazermos uma reflexão do nosso passado. Refletir a nossa história é importante para a gente se situar no presente e pensar o futuro, exatamente o que estamos fazendo aqui.

Costumo dizer que feliz é o país que tem organizações como o Sabiá, porque democracia não é um estado fixo e não é assunto só do governo, é um processo, uma construção coletiva que tem suas idas e vindas, e nelas precisamos exatamente balancear os poderes, as forças, os interesses, e negociar os conflitos, porque o papel da democracia não é acabar com os conflitos, é dar visibilidade a eles e fazer com que sejam negociados na paz, e sempre em busca da justiça. Esse é o grande papel da democracia.

Não adianta então pensarmos a democracia formal. De quatro em quatro anos nós vamos às urnas e a democracia formal não é capaz de dar visibilidade

à nossa heterogeneidade, à nossa diversidade. Estamos, portanto, celebrando aqui uma instituição democratizante da sociedade. Esse é o papel de organizações como o Sabiá, uma sociedade que se permite a cidadania se organizar para propor ideias democratizantes às organizações e aos movimentos sociais.

Marcos Figueiredo falou aqui no início que vivemos um momento de ruptura democrática e, talvez, o principal sintoma, o mais doloroso e visível é exatamente o que debatemos aqui: a volta da fome. A fome é uma expressão de falta de democracia absoluta em qualquer lugar do mundo. Não é porque o Brasil é um país rico. Em qualquer lugar no mundo, é inadmissível pensar que, com os recursos, com o conhecimento, com a inteligência, com as relações e com a tecnologia que temos, um ser humano possa ser privado do direito básico de se alimentar com qualidade. Em um país como o nosso, que conseguimos sair dessa tragédia, estamos voltando, e muito rápido. Mas eu vou aqui celebrar sempre o lado positivo da nossa história, estamos aqui para celebrar o Sabiá e pensar para onde nós vamos.

Vou centrar minha fala mais em nós mesmos, no que fazemos, e na trajetória do Sabiá. Esse golpe [2016] foi a ruptura de um pacto social estabelecido na nossa Constituição de 1988, que constitui um conjunto de direitos e regras, e que nós estávamos lá no Encontro Nacional de Agroecologia exatamente debatendo. Fizemos uma análise sobre o que aconteceu no nosso país e nos territórios onde estamos atuando e lutando, de 1988 para cá, e essa reflexão foi muito interessante porque mostrou que essas trajetórias de construção democrática, os temas

que pautamos aqui, a soberania alimentar, a agroecologia, o alimento de qualidade, são centrais na construção de uma sociedade democrática.

Pode não parecer tão importante, porque a agenda política está sempre centrada no crescimento econômico. É só o que vemos nas campanhas e é só o que veremos nessa campanha [eleitoral de 2018]: o crescimento ou não da economia. Crescimento para quem? Quem se beneficia com ele? E onde o assunto mais elementar da reprodução da sociedade, que é a alimentação, não está na pauta. Então, quando o presidente Lula assume, colocando a questão da superação da fome no centro, na sua prioridade de governo, você inverte, tira o meio que é a economia e vai para as finalidades, que é o Bem Viver, a distribuição de renda.

Nessas trajetórias que vieram da Constituição até agora, a gente também analisou o que está acontecendo neste momento nos territórios. Então, essa reflexão vai nos ajudando a clarear para onde devemos seguir. Nós mudamos completamente nossa conjuntura, mas nossa trajetória segue. Temos que nos resituar, nos reajustar, para pensar para frente. Então, o ninho do Sabiá é a agroecologia e é a partir desse ninho que ele voa. Mas, uma grande dificuldade, democratizante também, é que o Sabiá e a maioria das nossas organizações nasceram após um período de trevas da Ditadura. É preciso que lembremos disso, porque o risco que vivenciamos nesse momento é inclusive da criminalização das nossas próprias organizações, que poderão deixar de ter espaço para atuar. Defender nossas organizações é fundamental.

Mas voltando à ideia do ninho: quando lá atrás se assume a ideia da agroecologia como seu lugar de pouso, e que vamos voar a partir disso, a ideia é que não vamos voar sozinhos. Sai do ninho e vai voar construindo algo que é uma novidade também na sociedade democrática, que é a ideia de redes. Uma nova forma de organização da sociedade que é a horizontalidade, respeitar diversidades. Precisamos aprender a se organizar respeitando o que outras organizações têm, a diversidade, as proposições. Então, saímos do nosso ninho com a ideia da agroecologia e vamos encontrando outras no caminho. Essas são ideias democratizantes. A segurança alimentar, a soberania, o feminismo, a luta contra o racismo, contra a LGBTfobia, e assim adiante. São todas lutas de reconhecimento de conflitos que precisamos enfrentar com acordos. A agroecologia é um ninho que vai ao encontro com quem está querendo discutir sociedade democrática.

O ponto de partida, eu me lembro bem que o Centro Sabiá era muito conhecido como organização das agroflorestas. Esse é o ponto de partida, a agroecologia, o manejo da terra, a produção agrícola. Aquele período, a agrofloresta, permanece muito viva, não vai abandonando, vai somando agendas práticas. Eu já tive algumas possibilidades de visitar a Mata Sul e também o Semiárido [de Pernambuco], dois lugares onde o Centro Sabiá atua. Quem vai em uma comunidade que foi ocupada 400, 500 anos por cana de açúcar e vê uma floresta produtiva, diversificada, produzindo alimento em diversidade e qualidade, e mais do que isso, cidadania, respeito à natureza e ao próximo, chega a ficar emocionado, como tantas vezes eu fiquei. De saber que em poucos anos, em menos de 10 anos, tiramos uma terra degradada por 400 anos de monocultura e transformamos essas paisagens. Isso mostra a viabilidade,

a potencialidade. São pequenas experiências, mas são reveladoras de potencialidades e alternativas. Uma vez que se produz a agrofloresta precisamos transformar essa produção, comercializar. E aí a iniciativa de construir mercados, feiras, abrindo outras conexões, fazendo com que esse alimento seja acessível no Semiárido e também na Mata Sul. A política sendo feita através do alimento saudável, de qualidade, dando significado àquela prática.

Um alimento que tem origem social, biológica pura, de saúde. Ou seja, vamos comunicando quanta coisa o Sabiá nos ensina, haja vista esse encontro que estamos aqui, que nada mais é do que uma estratégia, uma forma de ocupar os espaços, de comunicar diretamente e aprender. Então, sair do ninho é a primeira aliança do Sabiá com as organizações para desenvolver essas experiências. Também com outras organizações irmãs, formando redes. Desde lá de trás, com a Rede PTA [Projeto de Tecnologias Alternativas], depois nossa Rede ATER Nordeste, a rede de ONGs do MOC, do CETRA, etc.

Nós não voamos sozinhos, temos que estar juntos trocando ideias, porque muitas das ideias que o Centro Sabiá implementou aqui vieram lá da Bahia, do Ceará. É rede, é horizontalidade para construir essa aliança. Mas também uma aliança com o mundo acadêmico, saber que a agroecologia precisa de outros saberes. O Centro Sabiá teve a capacidade de se relacionar com a academia, influenciando as universidades, que também estão formatadas para as pessoas saírem reproduzindo um modelão, um pacote.

Quantas pessoas passaram pelo Centro Sabiá e se formaram lá? Quantos estagiários e estagiárias es-

tão por aí, inclusive agora? Ou seja, formação, abrir a mente das pessoas, tratar o conhecimento de outra forma, respeitar o conhecimento de agricultores e agricultoras, entender que ele não é uma fonte de dominação, mas de libertação. É isso que a agroecologia propõe, é isso que o Centro Sabiá tem conseguido fazer com tanta maestria, essa relação com a universidade.

Mas também se relaciona com organizações feministas, conseguindo introduzir na agricultura familiar uma reflexão sobre a desigualdade, a violência, o patriarcado. Introduz e é uma das instituições dentro da Articulação Nacional de Agroecologia [ANA] que pauta o tema da juventude.

Então, vamos vendo que a agroecologia do seu ninho vai dialogando com várias questões e permite com que seja um tema da sociedade, não só dos agricultores e agricultoras. Ele transborda e permite que estejamos hoje na praça discutindo com donos de restaurantes, para que tenham uma alimentação saudável, para que isso vá dando significados crescentes para diferentes esferas da sociedade, para que a gente articule e some força política para isso mudar.

Foi a partir desse tipo de experiência que a gente somou força política e que criamos o Programa de Cisternas, que a ASA [Articulação Semiárido Brasileiro], convergindo com organizações como o Centro Sabiá, consegue negociar, implantar, executar, fazer o controle social, fazendo política pública de outra forma, democratizando a relação entre o Estado e a sociedade civil. Não podemos pensar democracia como a eleição.



O uso do recurso público de forma aberta, transparente, eficiente, tudo que é necessário para que seja chamado de República, e a sociedade civil, a ASA, o Centro Sabiá estão dando demonstração de que é possível. Não estamos falando de utopia, a utopia já está em prática. Estamos falando de negociação com prefeituras, para botar alimentação do PNAE [Programa Nacional de Alimentação Escolar], construir as feiras, com governos estaduais e federal, a presença da instituição nos conselhos. E a nível nacional a contribuição enorme na Articulação Nacional de Agroecologia em outros espaços.

A presença do Centro Sabiá na Política Nacional de Agroecologia propondo várias de suas experiências que vem lá da Mata Sul, a conexão com o que é feito na comunidade com o que está sendo debatido no Palácio do Planalto. Isso é democracia, vínculo, enraizamento, escuta, as vozes ressoando lá, não por intermediários, pelo senador que chega com a emenda parlamentar para reproduzir seu poder. Isso é democracia direta e participativa.

Mas sem o trabalho lá na base não existe democracia eficiente, é preciso que as lideranças venham dessa prática. Estou dizendo isso porque quero dizer que o Centro Sabiá é um construtor de pontes, de conexões, agora o tema da agricultura urbana, o direito à cidade. A agroecologia não é assunto rural, é assunto da sociedade. Então estando na cidade, no Pátio São Pedro, discutindo o direito à cidade, esse lugar não pode ser deteriorado, é o lugar da cidadania, das lutas populares, e o que a agroecologia tem a ver com isso?

Aqui estamos discutindo essa ideia de construir pontes entre pautas, agendas, práticas concretas, não estamos fazendo retórica, discurso vazio, estamos vinculados nas nossas experiências, por isso gostamos muito delas, sistematizar, intercambiar, porque isso dá significado ao nosso discurso, legitimidade para vir falar e reafirmar as alternativas.

Quero insistir nessa ideia de que temos que defender nossas organizações. Essa é uma grande missão que temos nesse processo futuro. Defender significa tanto o lado formal delas, mas estando juntos e juntas em alianças, em redes, nos defendemos mutuamente, e temos capacidade de expressão para a sociedade, em primeiro lugar, e para o Estado, em segundo lugar.

O Estado só mudará se a sociedade se democratizar. A sociedade vive um momento terrível, e todos nós estamos surpresos com a volta do conservadorismo. Ela é uma expressão de um perigo, acho que talvez o aspecto mais perigoso do golpe. Não é tanto o governo, que às vezes com uma eleição é algo que conseguimos retomar. Mas a gente precisa voltar a se comunicar com a sociedade. Essa foi a grande mensagem do Encontro Nacional de Agroecologia, que precisamos articular o campo e a cidade. O alimento é um veículo de significados que permite com que essa comunicação seja feita e que entendam que a partir desse veículo a gente discuta outras questões da sociedade, a degradação do meio ambiente, as mudanças climáticas, a segurança alimentar, o patriarcado, a violência, todas as questões que estão no dia a dia, são as questões da vida das pessoas.

O processo eleitoral reduz tudo à economia. Precisamos exatamente demonstrar que outra economia precisa ser construída, uma economia na qual o trabalho seja valorizado, de homens e de mulheres. Não só o trabalho da produção, mas todo o tipo de cuidado, o trabalho de casa, doméstico, isso é democratizar a sociedade.

O reconhecimento de que atuamos na sociedade com um pacto que não é só da Constituição, mas que começa dentro das famílias, nas comunidades, de baixo para cima. Para finalizar, só posso desejar vida longa ao Sabiá, que possamos voar juntos a partir do nosso ninho da agroecologia, que possamos trocar juntos em nossas redes. Muito obrigada pelo convite, estou muito emocionado em estar aqui.



**“O GOLPE NOS COLOCA  
DIANTE DA FORTÍSSIMA  
AMEAÇA DA VOLTA DO  
PAÍS AO MAPA DA FOME  
E À SUBNUTRIÇÃO”**

*Maria Emília Pacheco\**

*\***Maria Emília Pacheco** é antropóloga, primeira mulher presidenta do CONSEA no Brasil, entre 2012 e 2016. Educadora e pesquisadora da Fase e membro do Núcleo Executivo da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA).*

De fato, é um momento de emoção. Muito obrigada por esse convite com esse significado tão especial que é celebrar, comemorar, parabenizar o Centro Sabiá por seus 25 anos. Quero, já de início, expressar os meus votos para que o trabalho do Sabiá continue ecoando como o canto do sabiá por todas as paragens desse Nordeste e para além dele. E também que o Sabiá continue mantendo a resistência e resiliência da madeira sabiá.

Eu sempre achei esse nome muito inspirador e nos chama a atenção para a agroecologia. Mas hoje gostaria de começar falando sobre o tempo e o espaço, porque estamos aqui em uma assembleia pública, num exercício de cidadania.

Hoje, dia 25 de julho, é dia do trabalhador e da trabalhadora rural. Então comemorar os 25 anos do Centro Sabiá neste dia é extremamente significativo, sobretudo porque vivemos um momento na história que é de deslegitimação da agricultura familiar e camponesa, sobretudo com o desmonte das políticas públicas.

Hoje também é o Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha e, em 2014, a presidenta Dilma criou por decreto uma denominação muito especial para esse dia. Aqui no Brasil passou a ser o Dia Nacional de Tereza de Benguela. Uma quilombola lá

no Mato Grosso, que, quando seu marido morreu, assumiu a direção do quilombo que tinha o nome de Quariterê. E criou um sistema tipo parlamentar com um conselho de representantes, com um exército de resistência, e deu iniciativa a uma experiência associativa de prática agrícola com uma diversidade enorme de alimentos. Além disso, também estimulou a fabricação de tecidos. Os comerciantes que tentavam chegar no quilombo iam procurar a qualidade desse algodão.

O quilombo existiu por 20 anos e ela morreu em uma emboscada. Falar dela é falar da importância das nossas comunidades quilombolas, que continuam existindo, teimando e se opondo em permanência contra todas as iniciativas que querem impedir a regularização de suas terras, que existem por um princípio constitucional.

Não temos como falar de democracia sem lembrar de nossa Constituição, e, lá, um dos princípios, no artigo número 68, diz respeito exatamente ao domínio das terras quilombolas, que estão em risco, assim como as terras indígenas, porque há uma proposta de Emenda Constitucional que quer alterar a regularização e titulação das terras dessas comunidades. Mas eu falo de Tereza de Benguela também porque é um símbolo que precisamos lembrar e atualizar na luta de resistência das mulheres.

As mulheres no Brasil são sujeitos políticos fundamentais na construção da agroecologia, da transição agroecológica, e nós precisamos enaltecer o diálogo da Articulação Nacional da Agroecologia [ANA] com o movimento feminista, porque o aprendizado na agroecologia tem sido muito importante,

não só o papel das mulheres, mas o enfrentamento às violências e o significado do trabalho produtivo, reprodutivo, e agora um instrumento chamado Caderneta Agroecológica, que está sendo experimentado em vários lugares do país para mostrar o papel econômico das mulheres, quando elas produzem não só para vender, mas também para troca ou doação. Isso é importante, porque precisamos insistir que a economia não se faz apenas com as trocas comerciais, mas pela expressão da solidariedade, da reciprocidade que a história do movimento camponês e da agricultura familiar tanto nos mostra.

Também quero lembrar que estamos aqui no Pátio São Pedro, isso deve também nos emocionar, porque há centenas de anos aqui era um lugar de comércio dos escravos, mas também se reuniram muitas vezes os negros fugidios que também vinham percorrer as casas comerciais que aqui existiam. Então é um lugar muito especial, e não sei se todas e todos sabem, mas eu tinha lido e fui confirmar, ali no canto há a figura de Solano Trindade, um homem negro que escreveu também sobre a fome. Esses lugares de memória nos chamam a atenção para o nosso dever de memória. O movimento agroecológico precisa assumir de forma mais intensa e combativa a luta contra o racismo.

Quando falamos de agroecologia falamos de harmonia com a natureza, mas falamos também de transformação das relações sociais. E por isso aqui estamos cercados por uma feira, algo muito significativo, porque não é o lugar em que apenas compramos, no movimento agroecológico costumamos chamar de feira de saberes e sabores. Isso porque

na feira há a compra do alimento ou artesanato, mas também é um lugar da sabedoria, de troca de saberes.

Enquanto eu andava pela feira eu recebi exatamente um folheto da Associagro, a associação da qual a agricultora Joelma faz parte. E aqui há as seis razões porque queremos um alimento agroecológico. Então é um lugar de conhecimento, de firmar compromissos entre quem produz e quem compra. Precisamos urgentemente disso no Brasil. Precisamos reforçar essa interação sobre a qual Paulo, Cristina e Joelma já disseram, da relação com a cidade, entendendo que o papel de feira também é um lugar onde encontramos o ambiente adequado e saudável.

Todos os dias dizemos isso, vemos de perto que a população está adoecendo. O impacto dos agrotóxicos é gravíssimo e agora o chamado PL do Veneno quer desregulamentar mais ainda e produzir um retrocesso em relação a uma lei que havia desde 1989. Precisamos caminhar para frente e não para trás.

E quero aproveitar para registrar e insistir que façamos juntos uma crítica a essa propaganda de que o “Agro é Tudo, o Agro é Pop”. Ele não é nada disso, ele mata. O que traz a vida é a agroecologia. E são esses alimentos livres de venenos e transgênicos que nos trazem a saúde. E por isso precisamos apoiar de uma forma bem forte e articulada, e saudar inclusive iniciativas que estão ocorrendo nas cidades, que chamam de comunidades que sustentam a agricultura, que são moradores e moradoras da cidade apoiando, interessados na



qualidade do alimento, mas sobretudo na origem do alimento. Interessados em revelar seu compromisso político com camponeses, camponesas e agricultores familiares.

Nossa conversa aqui é sobre soberania alimentar também. Falando um pouco mais sobre o que queremos dizer quando falamos de soberania e segurança alimentar e nutricional e porque há relação com a agroecologia. Isso significa o direito dos povos e das nações a terem seus direitos alimentares, conservarem suas culturas alimentares, e, para isso, é preciso ter o direito a trocar e manejar suas sementes.

Sabemos que no Brasil estamos perdendo muitas espécies e variedades. Li um artigo dizendo o quanto essas variedades estão lá na África, foram trazidas pelos negros escravizados, aqui estão desaparecidas e existem lá ainda. Isso também nos chama a atenção para essa interação e reconhecimento desse legado, para entender que as culturas alimentares são um patrimônio.

Vir aqui ao Nordeste, comer o beiju, o cordeiro, isso deve ser motivo de muito orgulho. Precisamos superar uma visão elitista sobre o alimento no Brasil. Em muitos lugares as pessoas falam “aquilo é comida de pobre”. Precisamos saber que há um valor cultural e nutricional também. Queria insistir que nós nos orgulhemos das diferenças das culturas alimentares e apoiar o movimento agroecológico, os agricultores e agricultoras, significa ver a importância dessas culturas alimentares. Por isso, é preciso garantir também a terra, a água, as sementes.

O que estamos vendo no país hoje é que o direito à terra está sendo completamente negligenciado. Ao contrário, estão sendo adotadas medidas em que no lugar da terra pública, ela está sendo transferida ao mercado, com mudança de leis de terras de fronteiras, e também a lei que passou a ser conhecida como Lei da Grilagem, que vai desestruturar os assentamentos da reforma agrária. Nós nunca tivemos uma reforma agrária verdadeira no país, mas tivemos muitas iniciativas e essas medidas têm o risco de desconstruir essas conquistas.

Também quero dizer que, ao falar sobre soberania alimentar e segurança alimentar e nutricional, é preciso não só manter uma relação de harmonia com a natureza, mas também estreitar os laços com a cidade. E vínhamos caminhando, em alguma medida, nesse sentido, com algumas iniciativas de políticas públicas. Além das feiras, estávamos em um caminho de edificação de restaurantes populares, cozinhas comunitárias, que agora estão fechando. Também estávamos e precisamos continuar insistindo nesse conhecimento de que a cidade não produz apenas resíduo, ela produz cultura, mas também alimento.

A expressão da agricultura urbana, como vemos nas ocupações populares aqui em Recife, são uma demonstração disso. E o movimento agroecológico ao estreitar as relações com os movimentos que visam pensar outra forma de gestão da cidade e ocupação do espaço urbano, amplia o sentido do direito à cidade. Mas nesses tempos de desmontes, quero salientar que um dos programas que nós precisamos insistir na importância dele, que não pode ser desativado, é o Programa Aquisição de Alimentos [PAA].

Pela primeira vez na história desse país, é isso mesmo, a frase é assim, tivemos um programa que une as duas pontas, de quem produz, com quem vai consumir, nos asilos, nas creches. Isso é uma iniciativa muito importante porque impulsionou no campo a diversificação da produção. Lembro de ter ouvido um agricultor dizer “agora aqui não há mais desperdício”. Imagine, que contradição parece, mas tem infelizmente, a compra pública que garantiu o fim do desperdício porque o agricultor falava da quantidade e variedade de frutas que havia em torno dos quintais, no sítio no entorno da casa. Essa desconstrução do PAA é extremamente grave, assim como os riscos que ocorrem já em relação à alimentação escolar.

O golpe que tivemos no Brasil nos coloca diante da fortíssima ameaça da volta do país ao mapa da fome, e queria acrescentar que também a subnutrição. Triste é o país onde há a combinação da fome e também da obesidade e sobrepeso. Os pobres estão cada vez mais empurrados para comer a comida barata, ultra processada, que só gera os problemas de pressão alta, diabetes.

É curioso que nesse mesmo país temos um Guia Alimentar para a População Brasileira que reforça a importância da agricultura familiar e camponesa e a importância de comer um alimento que não seja ultra processado. É isso que precisamos, além da revogação imediata da PEC do teto dos gastos públicos [Emenda Constitucional 95]. Isso afeta completamente os programas sociais e já vemos que cerca de 1 milhão e 500 mil pessoas que precisam do Bolsa Família saíram dele.

Quero terminar dizendo que quando eu vi esse convite para essa praça eu me lembrei que na história antiga, na Grécia, havia um lugar chamado Ágora. Fiquei pensando que aqui é uma Ágora. Os gregos se reuniam exatamente em um espaço cercado de prédios públicos, comércios, para debater e praticar o exercício da democracia.

O que eu desejo é que esse lugar e esse pátio seja permanentemente um espaço de luta pela democracia, uma Ágora, e que aqui nós gritemos juntos que não queremos mais a fome no nosso país.



# PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E A HISTÓRIA DA FOME NO BRASIL





**“NÓS DA SOCIEDADE  
CIVIL ORGANIZADA  
PRECISAMOS, MAIS QUE  
NUNCA, NOS UNIR PARA  
BUSCAR OS NOSSOS  
DIREITOS”**

*Sandra Rejane\**

*\*Sandra Rejane é agricultora agroflorestal.*

Quero começar pedindo desculpas aos acadêmicos, professores e estudantes, mas, neste momento, gostaria de dizer que fui para a escola fazer a formação porque é exigido que, para você trabalhar, tenha a formação acadêmica. Só que eu considero o Centro Sabiá minha escola na agroecologia, nos Sistemas Agroflorestais [SAFs].

Comecei junto ao Sabiá mesmo antes dele ser fundado, já lá na época de Marcos Figueiredo, Avânildo Duque, e depois fui assessorada. Um tempo depois fiz parte da diretoria, fui presidenta, fui secretária, e toda a bagagem que eu tinha e que tenho foi acumulada na minha vivência no Centro Sabiá.

Anos atrás, na agricultura, por exemplo há 30, 40 anos, no Sertão, na época de seca, existiam os saques. Em Santa Cruz da Baixa Verde, eu lembro, quando eu era criança, que havia muitos saques, porque a fome era tanta que as pessoas não tinham com o que se alimentar, e no dia de feira saqueavam as barracas de produtos, de feijão e farinha.

E, com o passar do tempo, com o trabalho dos Sistemas Agroflorestais na minha vida, na vida das famílias, a gente pode constatar que mesmo passando sete anos de seca, não houve saques na região do Sertão. Não teve, e que isso se deve às políticas públicas criadas pelo governo que estava do lado da população. Bem como se devem aos SAFs, onde a gente aproveita o máximo possível da natureza. Onde a gente planta, a gente colhe, onde criamos os

animais, e a criação se reproduz e temos o nosso alimento.

Então, juntando tudo, quero dizer que os SAFs mudaram a minha vida, que foi transformada no sentido da autonomia, da alimentação, do respeito ao meio ambiente com esse trabalho da assessoria do Centro Sabiá. E que, depois de um tempo, eu fui uma jovem difusora dos Sistemas Agroflorestais fazendo uma divulgação, fazendo implantação dos SAFs junto às famílias. Minha área já serviu de experiência, de um local de intercâmbio e referência.

Quando eu comecei a trabalhar com SAFs, na minha roça tinha guandu e uma técnica do Sabiá, na época, dizia pra mim: ‘Sandra esse guandu precisa de poda’. E eu tinha vergonha de dizer para ela que se nós fizéssemos a poda a minha família não ia ter alimento, não ia ter feijão para se alimentar.

Nós estávamos atravessando um período de seca, difícil, e, se naquele período, a gente fizesse uma poda do guandu, não tinha alimento. Até porque para a gente era uma vergonha dizer que não tinha alimento. O que agora é diferente, pois na minha aérea eu já colhi frutas, grãos, e estou colhendo agora.

Sobre o momento atual, nós da sociedade civil organizada precisamos, mais que nunca, nos unir para buscar os nossos direitos, que estão sendo tirados pelo governo atual e com perspectiva de ser tirado num futuro bem próximo. Que a agricultura de modo geral vai sofrer consequências. Nós



já temos a questão climática, mas vamos sofrer as consequências de um governo que não liga para o meio ambiente, que não liga para pessoas, para pessoas pobres, e que não liga pra o bem-estar da fauna e da flora brasileira. É isso que eu penso sobre a necessidade da mobilização.

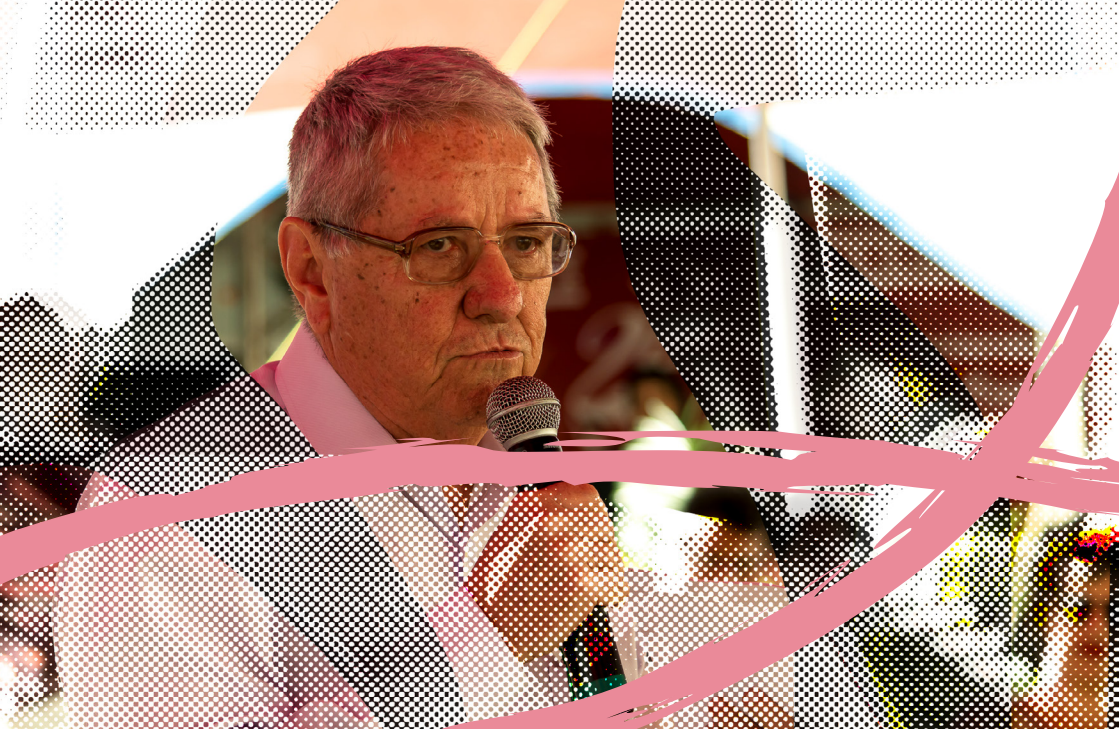
Nós temos vários técnicos e técnicas com a bagagem e conhecimento nos Sistemas Agroflorestais, que têm seu conhecimento para oferecer às famílias agricultoras. Nós temos famílias agricultoras que estão sem assessoria técnica, muitas famílias da área rural do nosso estado ainda precisam de orientações para um melhor manejo das suas áreas, dos seus animais.

E nós tínhamos uma Chamada de ATER que estava de vento em popa. Com as famílias produzindo, comercializando, beneficiando, participando das feiras agroecológicas no Pajeú, no Agreste, na capital. Mas houve uma ruptura nesse governo dessas ações que eram desenvolvidas com as mulheres, com as crianças, com os jovens.

O que eu posso desejar para o Sabiá? Para essa casa que é minha, pois eu sinto o Sabiá como minha própria casa. Só tenho a desejar que o trabalho tenha continuidade e que a perseverança do Centro Sabiá, a insistência e a persistência por dias melhores, para os agricultores e agricultoras, prossiga.

Desejar que o Sabiá continue agindo em favor dos menos favorecidos e que venham mais 25 anos. Que o Sabiá continue sendo uma referência em agroecologia. Quero reforçar essa importância do Sabiá

na minha vida pessoal e profissional e na vida de milhares de famílias do Sertão, do Agreste e da Zona da Mata, da capital, do Brasil e do mundo. Porque o Sabiá não é de Recife, é o Sabiá do mundo, que o trabalho desenvolvido seja reconhecido mundialmente.



**“UMA ESTRADA  
É RESISTIR,  
CONTINUANDO A FAZER  
O QUE A GENTE ESTÁ  
FAZENDO”**

*Naidson Baptista\**

\* **Naidison Baptista** é integrante da Articulação Semiárido brasileiro (ASA) e do Movimento de Organização Comunitária (MOC).

Os bancos nunca deixaram de adequar o crédito à agroecologia. Os créditos vêm numa linha produtiva vertical de cima a baixo e não olham a propriedade diversificada. Então é essa dimensão que nos fez caminhar para uma perspectiva de produção de alimentos, de melhoria de vida e orgulho de viver no Semiárido. E afirmar, como quando a gente anda por aí, que não diz “Eu sou da Bahia”, mas “Sou do Semiárido”, porque a gente criou um processo de pertencimento. Aí entra a Embrapa, as universidades, um monte de gente que está trabalhando e dando suporte nessa perspectiva.

Não poderíamos deixar de registrar onde estava o Sabiá. Fazendo o quê? O Sabiá estava fazendo a agroecologia, dando suporte à luta das mulheres, estava incentivando os jovens no processo de comunicação dessas experiências, estava naqueles boletins que a ASA [Articulação Semiárido brasileiro] assumiu como um instrumento pedagógico. Mas que nasce de vocês.

Então o Sabiá está aí por dentro, e na criação da ASA, esteve nos espaços de criação da articulação e está nos espaços de direção até hoje. Então é uma organização que queremos que vocês continuem assim, é importante que continuem. O Sabiá estava por dentro desse processo, criando isso, construindo essa dimensão. É isso que a gente está celebrando aqui. Não estamos aqui porque a gente está triste, e sim porque a gente está alegre, resistindo, e porque tem motivo de celebrar.

Nos nossos dias de hoje [2018], onde um governo que assume a perspectiva de governar na dimensão de uma ditadura, de um golpe, não só o militar, mas o parlamentar. Estão dizendo jurídico-parlamentar, o Brasil está inventando outro tipo de golpe, mas é golpe do mesmo jeito, porque não respeita a vontade da população e os processos democráticos. Então esse governo de hoje está na perspectiva de destruir e desconstruir os direitos que a gente conquistou, se a gente conquistou um salário mínimo mais decente, se desconstrói ele.

Se a gente construiu uma aposentadoria que respeita as pessoas, vamos desconstruir isso porque elas não precisam de aposentadoria. Se a gente construiu o acesso ao crédito, a soberania, um programa como o PAA, que junta as duas pontas, quem produz e quem consome, um programa de cisternas, de água, de sementes, vamos desconstruir tudo isso porque não interessa colocar pobre no orçamento.

A grande questão do governo atual é essa: não colocar o pobre no orçamento. Porque se colocar, o pobre vai começar a pensar mais, a refletir melhor, a ter mais oportunidade, a ter casa, universidade, a ter um carro, poder viajar de avião. Outro dia eu estava em Brasília descendo uma escada de um aeroporto e um cara disse: 'isso aqui virou uma esculhambação, uma rodoviária. Porque esse povinho todo que está aí viajava na rodoviária, agora vem para o aeroporto, então a gente não tem mais lugar'. Para ele viajar, os outros não precisam viajar.

Esse é o Brasil de hoje, no governo de hoje. E essa celebração do Sabiá nos diz o quê? Para onde

nós vamos? Essa é a pergunta que está aí para o Sabiá, para a ASA, para a Actionaid, para os agricultores e todos nós que estamos aqui. E a reflexão que a gente quer trazer é que a gente tem que ir em duas estradas, que não levam para dois caminhos, levam para um só.

Uma estrada é resistir, continuando a fazer o que a gente está fazendo. Então a gente não pode desistir da agrofloresta, da agroecologia, da convivência com o Semiárido, do abastecimento de água, da alimentação, que é direito de todos e de todas. Está na Constituição. A Caravana [realizada em julho 2018] que a ASA, o MST [Movimento dos Trabalhadores Sem Terra], a Frente Brasil Popular e um monte de organizações está fazendo, quer dizer que nosso direito à alimentação está sendo desrespeitado e que a fome está voltando no Brasil.

E por que a gente está fazendo a Caravana? É para passar pelo Brasil dizendo que a fome está voltando e que se o Brasil continuar nessa estrada, vai voltar para o Mapa da Fome, um mapa da FAO, da Organização das Nações Unidas, que diz quais são os países com mais fome no mundo. O Brasil estava lá e nos governos Lula e Dilma saiu, mas agora está na beirinha e se a gente der um empurrãozinho cai.

Nós estamos voltando para o Mapa da Fome e a Caravana quer dizer isso porque queremos resistir. A gente quer ainda que 350 mil pessoas tenham acesso às cisternas, que um milhão e trezentas mil pessoas tenham água de produção, quer terra, agroecologia, que tudo isso cresça e se amplie

para que a gente tenha condição de viver bem, decentemente no Semiárido, como a gente merece e tem direito.

Não é bondade de governo nenhum, é direito nosso que está chegando tarde. Isso que nós estamos fazendo aqui é dizendo a Recife que nós não vamos desistir. As ações que o Sabiá vai continuar fazendo, que a ASA vai continuar fazendo, querem dizer ao mundo que nós não vamos desistir. Essa é uma perna da não desistência. Mas se a gente for de uma perna só vai cotó, e vai devagar, então precisa ir com as duas.

A outra perna que a gente está discutindo muito lá na Bahia e em outros espaços é que a gente tem que olhar em quem vota. Porque, repare bem, Temer cortou todos os nossos direitos, quase todos, mas quem aprovou isso? O Congresso. Foram os deputados e senadores que aprovaram. Se não tivessem, ele não fazia, porque não tinha aprovação do Congresso. Mas como eles querem isso também, está provado.

Nós temos que, nesta eleição, não se preocupar só com eleger um executivo bom, vai ser difícil, mas ele sozinho não faz nada, ele precisa do Congresso. Então nós temos que olhar em quem votar, não votar naqueles que aprovaram o desmanchar de nossos direitos, que votou para botar a Dilma para fora. Não voto nele. Votou pela reforma trabalhista? Não voto nele. Quer votar pela reforma da Previdência? Esse eu não voto. Votou pela privatização da Eletrobrás? Não voto nele.

Então temos que olhar, ir no Sabiá perguntar, para poder ter norte. Outro dia eu estava em uma cidade lá da Bahia e a gente estava discutindo isso, e eu disse, ‘quem quer ir para o céu aqui?’. Não tinha nenhum agricultor que não quisesse, mesmo que a gente ache às vezes que ele não exista. E a gente perguntou o que era o céu para a gente hoje aqui. O céu era terra, água, escola, assistência técnica, moradia, saúde, educação. Ou seja, o céu para os agricultores naquele evento era o quê? Os direitos básicos e mínimos, poucas exigências. Aí eu perguntei assim: ‘E quem quer ir para o céu, vota no diabo?’. Não, não pode. Mas eu disse: ‘Mas vocês estão votando no diabo, elegendo deputados e senadores que não vão ajudá-los a chegar nesse céu’. Nós queremos o céu? Queremos. É o espaço de respeito dos direitos. Quem são os diabos? Aqueles que votaram contra nossos direitos. ‘Ah, então não vou votar em deputado nenhum’.

Não pode também, porque vão se eleger os de lá. Tem que votar e tem gente boa para votar, gente dos sindicatos, dos movimentos sociais, gente muito boa no Congresso, tanto para a gente reeleger, como gente nova que quer chegar para lá também. Então é um pouco isso: resistir e resistir buscando mudança, nem que seja do Congresso que está aí. É isso, parabéns ao Centro Sabiá, e estamos juntos.





**“HÁ MUDANÇAS  
IMPORTANTES QUE  
ESTÃO ACONTECENDO E  
VÃO TRANSFORMAR O  
SÉCULO XXI”**

*Tânia Bacelar\**

*\*Tânia Bacelar é economista, professora aposentada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e sócia da Ceplan Consultoria.*

Para mim é um prazer estar aqui pela origem do convite, que é a comemoração dos 25 anos do Centro Sabiá, que eu vi nascer. Então, estou muito feliz de participar e estar aqui no centro do Recife. Minha abordagem vai ser a partir do Brasil, o Semiárido já foi batizado aqui então vou fazer uma fala mais geral a partir do Brasil.

Eu fui olhar primeiro para a conjuntura daquele momento em que o Sabiá nasceu, que era o começo dos anos 1990 no Brasil. Fiquei pensando o que aconteceu naquele momento. A primeira coisa é que naquele momento, no mundo, estávamos ampliando o debate sobre o novo mundo possível. Havia um germe de discussão que depois cresceu, e nela, tinha a sementinha do debate sobre a produção agroecológica.

Então, a criação do Sabiá não estava descolada do mundo, tinha uma referência também em discussões que estavam sendo feitas no Brasil. E tinha a discussão do Semiárido, que Naidison enfatizou, porque tinha havido uma mudança muito importante no Semiárido ali no começo da década de 1990, que foi o fim do algodão.

O Semiárido tinha estruturado sua vida social e econômica em cima de um tripé que era o latifúndio pecuário onde, dentro dele, se deixava plantar milho, feijão e algodão. E a produção de algodão era a única fonte de renda monetária daquela gente que produzia na terra dos outros, um regime que

chamávamos de meia, e, na hora da divisão, claro que ficava [o trabalhador sem terra] com a menor parte. Mas era a única fonte de renda monetária da população.

O fim do algodão era um momento de muita dificuldade, e a discussão era o que ia mudar. Nesse contexto, nasce a discussão da convivência. Já que poderíamos mudar, tínhamos de mudar para um conjunto de atividades que dialogassem com a realidade daquele ecossistema. Então, estávamos ali nos anos 1990, o Brasil tinha uma conjuntura difícil como a de hoje que vivemos.

Os anos 1990 não eram fáceis, o Brasil ainda vivia a hiperinflação, por exemplo, algo muito problemático para a grande maioria da população, porque os preços subiam rapidamente. A gente recebia em um dia e corria todo mundo para o supermercado, porque no dia seguinte o preço era outro. Era um momento econômico muito angustiante, mas, do ponto de vista político, estávamos rompendo com a Ditadura, até porque a crise econômica ajudou a desmontar a Ditadura. Era mais fácil segurar quando a economia ia bem, quando começou a ir mal, a Ditadura também se fragilizou.

Então, tinha uma coisa política naquele momento que era importante, que era o avanço e a consolidação do processo de redemocratização. É parecido com o que a gente vive hoje [2018], e é diferente. É parecido porque tinha uma crise política, que era da Ditadura e não nossa, e a crise econômica que era nossa. Teve uma resultante muito interessante daquele momento político que foi a Constituição de 1988.

O Sabiá nasce e o Brasil já tinha a Constituição, um marco muito importante na vida da gente porque o constituinte ouviu a principal crítica que a sociedade brasileira fazia ao momento da Ditadura: que ela tinha conseguido patrocinar um desempenho econômico muito bom do Brasil, mas os indicadores sociais eram vergonhosos. E o indicador de concentração de renda era inexplicável, porque o Brasil era a oitava economia do mundo e o terceiro país de renda mais concentrada do mundo, só perdia para Honduras e Serra Leoa, dois países pequenininhos. Um país desse tamanho ser a terceira renda mais concentrada do mundo chamava a atenção.

O constituinte leu isso e a Constituição de 1988 é progressista, ela sinaliza para um Brasil ser de mais brasileiros. Eu sempre cito o que ela fez com as políticas sociais, que foram muito importantes logo em seguida. E o constituinte criou a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). A gente já estava na década de 1990 e o Brasil não tinha política assistencial, tinha política de Primeira Dama, a política assistencial era entregue à Primeira Dama. E era assistencialismo na veia. O que o constituinte fez? Pegou o SUS [Sistema Único de Saúde], a política social mais bem construída que o Brasil tinha conseguido fazer e criou a LOAS.

Ou seja, pegou o que tinha de mais atrasado e copiou o que tinha de mais adiantado. Isso deu resultados muito importantes em seguida, porque uma aposta que fizemos em seguida foi nas políticas sociais, de trazer a dimensão social para o debate do desenvolvimento brasileiro e para as políticas públicas com a ajuda da Constituição de 1988.

Nessa mesma época tinha a figura de Betinho [Herbert José de Sousa]. Não dá para discutir a fome no período recente no Brasil sem lembrar disso. Era exatamente ali, na década de 1990, que Betinho tinha retornado do exílio e desembarcou aqui falando de fome. Era uma coisa que a sociedade brasileira não queria que falasse, tanto que Josué de Castro estudou a nossa fome aqui no Nordeste, comparando a fome do Semiárido com a fome da Zona da Mata e fazendo uma comparação muito importante, em que ele diz que a fome da Zona da Mata é endêmica, e no Semiárido é epidêmica, só dá quando tem seca.

Mas na Zona da Mata é permanente, dá pelas condições de vida e de produção daquela população que vive ali. Ele também foi exilado, pela produção que tinha feito em cima de um tema que não era para aparecer. Então, acho que o debate naquela época sobre a fome foi muito interessante, veio nessa conjuntura de tentar trazer a questão social para o foco das nossas preocupações, e chamar a atenção para esse fato de que não dá para explicar a fome em um país como o Brasil. Essa era a grande discussão. Ora, como se explica a fome em um país que já era a oitava economia do mundo?

Outra coisa que os militares fizeram foi estimular agronegócio. Aí o Brasil já estava se transformando em uma grande potência exportadora de alimentos, então como ela convive com a fome? Essa pergunta voltou e Betinho ajudou muito a trazer essa discussão, porque no começo não foi fácil, ele começou propondo para estimular a consciência das pessoas a doação de alimentos.

Muita gente era contra, dizia que era um gesto assistencialista, mas ele usava como um gesto de mobilização e solidariedade com as pessoas. Era um debate muito interessante que se travou na época. O Sabiá vem com a proposta de participar dessa discussão do lado da produção, e tentar mostrar que não faz sentido em um país como o nosso ter gente passando fome. Dava para estimular a produção para que ela atendesse a maioria da população.

Tem um grande desafio que também era o desafio do Sabiá, que era o apoio à agricultura familiar. Esse era outro debate, que a gente começou a fazer exatamente assim. Na onda da redemocratização, os movimentos sociais do Brasil se fortalecem e trazem para a agenda do debate brasileiro a agricultura familiar. Eu sou de uma geração de economistas que vi muito nesses fóruns de debate econômico o pessoal dizer: 'isso é coisa de pobre, esquece, não tem futuro'. Até hoje há economistas que pensam assim, conheço vários.

E os movimentos sociais trouxeram essa questão propondo o fortalecimento da agricultura familiar. Foi nessa canoa que o Sabiá embarcou também. Se vocês olharem direitinho, o foco de intervenção do Sabiá é a agricultura familiar.

Hoje ficamos angustiados, mas a gente já viveu um momento parecido, a era Fernando Henrique também era de desmonte. Então, em cima de um momento conjuntural muito difícil, os movimentos conseguiram criar o MDA [Ministério do Desenvolvimento Agrário]. Não foi Fernando Henrique quem criou, ele foi obrigado a criar. Foi uma conquista na-

quela conjuntura de rediscussão e mobilização que a gente viveu. E criou junto o Pronaf [Programa Nacional da Agricultura Familiar], um programa de crédito que eram R\$ 2 bilhões para o Brasil todo, depois passou para R\$ 36 bilhões. De qualquer forma, estava lá a rubrica para a gente trabalhar. Isso estimulou essa opção do Sabiá, porque não era apenas o Sabiá, era a sociedade brasileira discutindo a importância de patrocinar a agricultura familiar.

O Censo Agrícola de 2006, o último que a gente tem, referendou essa luta, porque trouxe números oficiais do tamanho de uma coisa que o povo dizia que era negócio de pobre, sem importância. O que o censo mostrou? Que 75% dos alimentos que a gente consome não vem da agricultura moderna, cheia de pesquisa, vem da agricultura familiar.

E com uma riqueza enorme, porque como o Brasil é muito diferenciado regionalmente, o que se come em um lugar não é exatamente a mesma coisa que se come no outro, a diversidade da agricultura familiar saltava aos olhos nos números do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]. Então, esse debate foi muito importante e o censo foi muito importante para fortalecer essa ideia de que o Brasil não deve optar, como os EUA fez, por um tipo de agricultura.

Essa é uma tese que de vez em quando eu volto: o Brasil pode ser a grande potência do mundo, mas resolve isso com a agricultura patronal. A agricultura patronal tem algumas vantagens, por exemplo, a produtividade ser mais elevada, a tecnificação é mais alta, mas não cria emprego. O Censo

mostrou isso também, a grande maioria do emprego no mundo rural era na agricultura familiar. Então, ela cumpria dois papéis centrais: produzia o alimento que comemos e gerava ocupação para as pessoas.

Portanto, o Brasil não precisa destruir essa para ficar com uma, ao contrário, tem essa competência e precisa valorizar a outra para ter um tecido diferente, que é o que a gente tem. O Sabiá apostou nisso aí com muita força, porque um dos desafios da agricultura familiar é melhorar a produtividade. O diagnóstico que a gente tinha, portanto, da fome no Brasil é que o problema não era que o país é incapaz de produzir alimentos, como os economistas dizem, não é do lado da oferta, mas da demanda. As pessoas não podem ter acesso à alimentação porque não tem condição de comprar o alimento.

Estava muito claro que havia dois tipos de agriculturas importantes, e a população com fome. Então não era uma incapacidade de produzir, mas sim de comprar. Isso reforçava a discussão de que mexer na política social era importante, então o que o povo precisava era melhorar a renda. Esse debate começou a pegar fogo, como a discussão do salário mínimo. Não era fácil esse debate, porque tinha perdido poder real na época da hiperinflação e a população tinha um poder de compra muito achatado. Uma das bandeiras era aumentar o valor real do salário mínimo.

Eu participei de muitos debates e a bandeira do movimento sindical era “Salário Mínimo de 100 dólares”. Quando a gente levantava essa bandeira, a



grande mídia dizia que 'ia falir todos os municípios', que eles não aguentavam pagar esse tamanho de salário mínimo, que ia fechar as empresas. A gente está vendo um salário mínimo de 300 dólares não fecharam os municípios nem as empresas, e o Brasil melhorou. Na época em que conseguimos passar o salário mínimo de R\$ 200 para R\$ 800, em pouco mais de uma década, multiplicou por quatro, o Brasil não faliu, ele melhorou.

E esse foi um dos elementos que nos ajudou a tirar o país do Mapa da Fome, porque o nosso problema é da renda e da capacidade de acesso. E aí quando apostamos em políticas na melhoria da renda e da capacidade de acesso, aí a questão melhorou. Isso coincidiu com aquela decisão do constituinte de levar a Previdência para o meio rural pagando o salário mínimo. Essa foi uma das decisões que teve mais impacto social no Brasil e contribuiu, certamente, com muita força para nos tirar do mapa da fome. Porque os velhos ganham um salário mínimo que passou de R\$200 para R\$800.

Se não bastasse, a gente fez políticas assistenciais como o Bolsa Família, que não foi fácil de fazer e de passar de um patamar mínimo, porque a reação contra o programa era muito grande. De novo, a grande mídia dizia que isso ia alimentar a preguiça. Que isso não seria uma opção porque alimenta quem não quer fazer nada. Quando a gente fez a conta, o programa já havia tomado conta do mundo, e ele pesava 0,5% do PIB.

Na mesma época, o Estado brasileiro gastava 6% do PIB pagando juros da dívida. Então porque não pode pagar 0,5% para a população que não tem

condição? Então, isso é um momento importante e estou falando dele porque acho que hoje a condição é tão adversa que a gente esquece das nossas conquistas. E nós fizemos conquistas muito importantes em temas que não eram simples, eram polêmicas, que tinham resistência muito forte na sociedade brasileira.

Nossa saída do Mapa da Fome foi uma experiência que foi no ponto certo da nossa questão, que era a renda. E aí eu já chego ao fim com duas observações, a primeira é que a conjuntura atual mudou. Portanto, nossa conjuntura hoje é de ameaça. A gente não pode minimizar a conjuntura que vive, estamos comemorando nossas conquistas, mas quando a gente olha para a conjuntura, o ambiente é impregnado de ameaças e muitas conquistas já foram parcialmente reduzidas. Não é um momento simples que estamos vivendo.

Mas, para fechar, eu queria olhar um pouquinho para o futuro, para ligar essa minha reflexão com o futuro, com os 25 anos do Sabiá. O que está acontecendo lá fora? Acho que têm mudanças muito importantes, e isso nos tranquiliza um pouco na conjuntura brasileira, ela não é só ruim no Brasil, mas para todo mundo porque estamos em um momento de passagem e mudanças profundas no mundo inteiro. Têm países muito piores que a gente, é só olhar para a Síria e ver o que acontece. Há mudanças importantes que estão acontecendo e vão transformar o século XXI, que não será parecido com o século XX, mas diferente.

E no aniversário de 25 anos do Sabiá eu queria lembrar isso, que atenção, teve sucesso até aqui, mas há grandes desafios porque o que vem por aí está

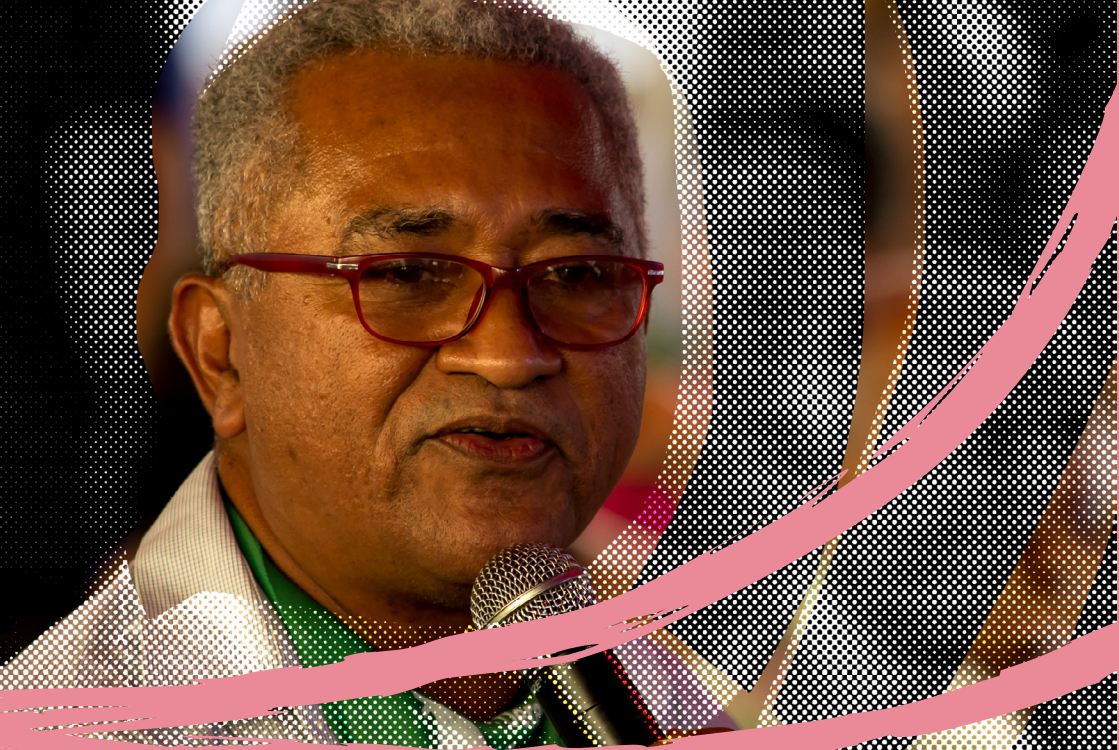
impregnado de mudanças profundas. Mas acho que na área onde o Sabiá atua, acho que a mudança é favorável, e vou explicar o porquê. É que a agricultura do século XX e a patronal brasileira estava baseada na química. A ciência mãe era a química. E a agricultura no mundo está passando por uma mudança profunda onde a química está perdendo peso e duas outras ciências estão iluminando a tendência da agricultura mundial.

Uma delas é a genética, da qual está saindo a agricultura dos transgênicos e que dialoga muito bem com o agronegócio, porque exige escala. Então o agronegócio deita e rola. Mas há outra tendência que vem da biologia. E é aí onde entra o Sabiá. Uma das tendências positivas de futuro da agricultura é justamente à agricultura agroecológica. Então o novo padrão técnico da agricultura do século XXI cabe a agricultura agroecológica.

Outra mudança muito importante que não vem da técnica, mas das pessoas. Elas andam se conscientizando que a agricultura agroecológica é melhor para a saúde que as outras. Então, não querem mais comer veneno.

Essa consciência que está se consolidando mundialmente é uma oportunidade muito importante para uma instituição como o Centro Sabiá e para um Brasil que tem esse perfil de um país diverso com a agricultura familiar consolidada, o que é muito importante para o Nordeste, o segundo polo de agricultura familiar mais importante. Aqui ela tem uma força histórica, nossa capacidade de resistência é conhecida, ir contra o que não aceita e continuar produzindo do jeito que acha. É um

bom momento, e queria fechar dizendo que apesar da conjuntura, estamos comemorando 25 anos de uma instituição que, na minha opinião, tem mais 50, cem anos para ajudar nessa mudança. Seremos capazes de fazer porque já fizemos mudanças tão difíceis quanto essa.



**“NÃO PERDEMOS  
NEM VAMOS PERDER  
A CAPACIDADE DE  
LUTAR, DE INSISTIR E  
RESISTIR”**

*Avaniildo Duque\**

**★Avanildo Duque** é Gestor de Políticas e Programas projetos da ActionAid

É muito bom estar aqui hoje, é emocionante porque eu faço parte da história do Centro Sabiá. E, por conta do tempo que a gente tem, eu vou ler o que estou pensando em falar, e em alguma hora fazer algum comentário, acho mais efetivo ler o que escrevi. Primeiro eu queria expressar minha grande alegria e satisfação em participar desse evento. Carlos Magno insistiu, Verônica depois, e eu atendi. É uma celebração de 25 anos do Centro Sabiá, essa linda organização na qual tive o orgulho de participar e trabalhar por onze anos, antes, na fundação e depois no Centro Sabiá.

Também me sinto muito agradecido de sentar com essas pessoas que estão no meu lado. A minha querida professora Tania Bacelar. O nosso querido amigo Naidson, ao qual já tivemos juntos em várias jornadas em defesa do Semiárido e de suas populações e minha querida amiga Sandra, que a vi se fortalecer enquanto mulher e enquanto um sujeito político que muito bem representa a força das pessoas que vivem, resistem e acreditam no Semiárido, na agroecologia e na agricultura familiar camponesa.

Hoje, estando na ActionAid, organização parceira do Centro Sabiá, temos muitas pessoas espalhadas por aqui. Temos a Casa da Mulher do Nordeste, o MMTR-NE [Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste]. Então, em nome de todos os parceiros, queria trazer essa saudação para vocês.

Quando o Sabiá diz na sua missão ‘Plantar mais vida para um mundo melhor, desenvolvendo a agricultura familiar agroecológica e a cidadania’ ela está completamente alinhada com a missão da ActionAid, que é por fim à pobreza e às injustiças, no Brasil e no mundo. Em nome da equipe da ActionAid, especialmente do nosso querido Jorge Romano, diretor executivo, e de Ana Paula, coordenadora dos direitos das mulheres, trago isso especialmente no que já foi colocado aqui.

A gente louva muito essa ousadia do Sabiá de trazer o debate da fome justamente na iminência do país voltar ao Mapa da Fome da FAO [Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura], de uma forma multidimensional, colocando tantos elementos.

Minha fala será a história do Sabiá, a sua trajetória no enfrentamento da fome nesses 25 anos. Na verdade, é muito antes. Quando eu organizava esta fala eu me lembrei do Chico Science. Ele diz na música dele: “ô Josué, eu nunca vi tamanha desgraça. Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça. Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola. Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura. ‘Aí minha véia, deixa a cenoura aqui. Com a barriga vazia não consigo dormir’. E com o bucho mais cheio comecei a pensar. Que eu me organizando posso desorganizar”.

Essa citação não é por acaso, eu trago primeiro porque, como foi falado, o Josué de Castro teve uma importância muito grande no debate sobre a fome no Brasil, e até hoje é uma fonte de inspiração para nós, como Paulo Freire. Dois pernambu-

canos com referências muito fortes no nosso trabalho junto ao Centro Sabiá, e nessa insistência de enfrentar a insegurança alimentar, nutricional, ou seja, a fome, que assola as pessoas empobrecidas pelo capitalismo, como bem a Tânia [Bacelar] colocou.

Nesse sentido, quando eu estava preparando essa participação, foquei na história do Sabiá porque é muito importante reconhecer que é uma organização que mobiliza pessoas, em especial agricultores e agricultoras, no enfrentamento da fome a partir de soluções metodológicas, sociais, produtivas e, principalmente, políticas. Assim, vou destacar alguns marcos dessa história para compartilhar com vocês.

Primeiro, o Centro Sabiá nasce como um projeto dentro do Centro Josué de Castro, então tem mais de 25 anos, tem pelo menos mais 10 anos. Na ocasião, era um projeto de tecnologias alternativas com o propósito de fortalecer as redes de intercâmbio entre as organizações que atuavam em Pernambuco e Paraíba. A gente dizia que era pra fortalecer a pequena produção rural, depois passamos para outras terminologias e hoje temos a agricultura familiar camponesa de base agroecológica.

O Sabiá também foi pioneiro em abordar a seca, isso é um registro muito importante. Enquanto Sabiá e outras organizações muito significativas da história aqui do Nordeste, como a Fetape, o Caatinga, o Centru e a CUT, criamos o Fórum Pernambucano de Enfrentamento à Problemática da Seca, o Fórum Seca, como chamávamos, cujo lançamento público foi em 1990, logo após Lula ser



derrotado por Collor, que mobilizou uma multidão de pessoas para denunciar uma política que Collor tinha instituído naquela ocasião. Ele teve o descaramento de dizer que teria um programa de cesta básica para as pessoas que estavam em situação de seca, onde a cesta básica era composta por arroz, fubá e farinha.

Imagine que composição nutricional perversa. Ele foi lançar esse programa em Juazeiro do Norte (CE) e nós fizemos o lançamento com o Lula, em Serra Talhada (PE). Nessa ocasião, nossa querida e saudosa Vanderlucia Silva convidou uma médica nutricionista para fazer um parecer técnico e a gente denunciou aquele desrespeito com a população do Semiárido.

Em seguida, o Fórum Seca, junto com outras organizações, fez uma ocupação [da SUDENE] onde encurralamos o Cássio Cunha Lima, não deixamos ele sair de lá, e naquela ocasião em 1993, ano de fundação do Centro Sabiá, construímos uma as bases para a Articulação do Semiárido, o documento denominado “Ações permanentes para o desenvolvimento do Nordeste Semiárido brasileiro”, que conseguiu articular muitas organizações para além do Fórum Seca, e foi uma das bases para a ASA [Articulação Semiárido Brasileiro]. O Marcos Figueiredo, o primeiro Coordenador Geral do Sabiá foi um dos principais articuladores dessa ação.

Segue a trajetória do Centro Sabiá contra a fome, na construção de alternativas, e em 1995 há um convite para participarmos do programa Comunidade Solidária, apesar de ser parte das políticas da então Primeira Dama [Ruth Cardoso]. Foi solicitada uma reunião com várias organizações

para desenvolver um trabalho diferenciado com a população cadastrada em estado de emergência. E aí aproveitamos a oportunidade, apesar de ser um governo que tínhamos muitas críticas. Aproveitamos para difundir mais as cisternas de placas, a diversidade da agricultura para o Semiárido, a agrofloresta como a possibilidade de produção para a região.

Passando mais adiante, em 1997, junto com agricultores de Santa Cruz da Baixa Verde e Triunfo, fundamos a Adessu Baixa Verde [no Sertão], porque acreditávamos que naquela ocasião o Centro Sabiá sozinho não dava conta e era preciso a organização própria dos agricultores familiares para enfrentar os desafios da agricultura, da pobreza e da fome. Essa criação da Adessu foi inspiradora para a criação de todas as outras associações, como a Agroflor e a Agroflora, no Agreste e na Zona da Mata de Pernambuco.

Tem uma outra parte muito importante que ninguém falou que é que no Dia Mundial da Alimentação [16 de outubro], de 1997, quando o Sabiá deu mais um passo para a garantia do direito à alimentação. Flávio Duarte nos propôs fazer uma feira simbólica para comemorar esse dia no Parque da Jaqueira, e foi tão sucesso que gerou o Espaço Agroecológico das Graças, e depois a Rede Espaço Agroecológico, não só em Pernambuco.

Contribuímos há mais de 20 anos para que a fome não seja enfrentada somente a partir dos agricultores, mas quando disponibilizamos alimentos de qualidade, gostosos, duradouros, para a população das cidades, a partir da comercialização direta.

Em 1999, para não me alongar muito, o Sabiá, atendendo novamente ao pedido de uma pessoa saudosa, o Januário, presidente da Fetape, nos convidou para organizar um evento paralelo à Conferência de Combate à Desertificação (COP3).

A gente, na ousadia, junto com o CAATINGA, a Assocene, entre outras organizações, pensamos em fazer algo diferente e fizemos o Fórum Paralelo, em menos de dois meses, onde a gente, a partir de uma incidência com o Ministro do Meio Ambiente, na ocasião, conseguimos a promessa da criação de um projeto piloto que deu origem ao Programa de Um Milhão de Cisternas [P1MC/ASA]. O Sabiá teve uma participação muito importante nessa ocasião.

Em 2002, ano da eleição de Lula, nós também tivemos uma participação significativa nessa trajetória de combate à fome, que foi a organização do primeiro ENA, o Encontro Nacional de Agroecologia. E Maria Emília, que esteve hoje de manhã dialogando aqui com vocês, convidou o MMTR-NE para fazer parte do seminário da organização do ENA, e pediu para a gente do Sabiá fazer a interlocução para convidar uma mulher para falar sobre as questões de gênero e desigualdade.

Foi minha amiga que está aqui do lado, a Sandra [Rejane], e aí começa a trajetória “sem feminismo não há agroecologia”. Ou seja, com feminismo há agroecologia e sem feminismo e sem agroecologia não tem segurança alimentar e nutricional.

Nesse mesmo período, intensifica-se nosso trabalho na da Zona da Mata, quando resolvemos enfrentar as causas da endemia da fome na região. Já tinha-

mos um trabalho consolidado no Sertão, mas fomos para a Mata Sul quando já tinham alguns assentamentos da reforma agrária e enfrentamos o desafio de fazer agroflorestas, agricultura diversificada na zona canavieira, zona historicamente marcada pelo latifúndio, desigualdade e violência, principalmente contra crianças e mulheres. Não podemos deixar de saudar toda a participação do nosso querido Jones Pereira, de sua família, de Lenir Ferreira, de Paciência, da quilombola Cristiane, nessa consolidação junto com a Rede de Agroecologia da Zona da Mata, chamada de Rama. Bem como, seria injusto não registrar a contribuição de Ernst Göstch, suíço radicado no sul da Bahia, que junto com a gente desenvolveu uma forma de fazer agricultura chamada agrofloresta, de potencializar a vida a partir da natureza e não maximizar sua exploração.

Com a conquista do governo Lula, em 2002, se abrem novas perspectivas. Ele faz um pronunciamento histórico no qual disse que não ficaria feliz nunca se no final de seu governo as pessoas não tivessem um prato de comida nas três refeições do dia.

Isso se traduziu em políticas e em oportunidades para a gente, liderados também pelo Centro Sabiá, retomando a articulação anterior, fomos bater no MDA [Ministério do Desenvolvimento Agrário] quase no dia seguinte da posse, dizendo que queríamos apoio para fazer uma agricultura diferente, o que se constituiu como as bases da Rede Ater Nordeste, muito importante na constituição de políticas nacionais de assistência técnica e de outras políticas que fazem parte do Programa Brasil Sem Miséria e do Fome Zero.

Chegando ao final, quero pedir desculpa se fugi um pouco da encomenda, mas para mim a história da produção de alimentos e enfrentamento à fome só é história se tiver sujeitos individuais e coletivos, com cores, sexo, gênero, geração. A história não é feita somente de fatos, mas de pessoas. Então, eu queria registrar essa trajetória e dizer também que infelizmente, concordando com Tânia e Naidison, estamos em um momento muito desafiador no qual, na semana passada, o lançamento do Relatório Luz, do Grupo de Trabalho que monitora os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030, no capítulo sobre a fome, feito pelo nosso colega Chico Menezes, da ActionAid e Ibase, ele já evidencia nossa volta ao Mapa da Fome.


Isso é muito grave porque significa o desmonte de tudo o que gerou a possibilidade de não ter fome. É todo o retrocesso vivenciado pelo Brasil nesse atual governo, retração de políticas sociais, e a gente já vê. O Brasil já está com fome nas grandes cidades e territórios mais empobrecidos.

Queria dizer que, apesar disso, estar aqui no Pátio São Pedro é muito importante porque o Centro Sabiá traz em sua estratégia metodológica esse debate amplo com as pessoas, porque não perdemos nem vamos perder a capacidade de lutar, de insistir e resistir. Para finalizar, quero dizer o seguinte, o Centro Sabiá é mais do que necessário, e quando falo dele falo de todas as redes que estão junto conosco no enfrentamento da fome e promoção da igualdade. O Sabiá é muito necessário para continuar nessa missão de plantar mais vida para um mundo melhor.




[www.centrosabia.org.br](http://www.centrosabia.org.br)

 [facebook.com/centrosabia](https://facebook.com/centrosabia)

 [twitter.com/centrosabia](https://twitter.com/centrosabia)

 [instagram.com/centro\\_sabia](https://instagram.com/centro_sabia)

 [youtube.com/sabiacentro](https://youtube.com/sabiacentro)

**Centro de Desenvolvimento  
Agroecológico Sabiá**

Rua do Sossego, 355, Santo Amaro,  
Recife - PE | CEP: 50100-150

Fone/Fax: (81)3223.7026 e (81)3223.3323

E-mail: [sabia@centrosabia.org.br](mailto:sabia@centrosabia.org.br)